



Data: 17.09.2020

Titulo: O que vai acontecer quando a gripe encontrar a covid-19?

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5

O que vai acontecer quando a gripe encontrar a covid-19?

Epidemiologista Manuel Carmo Gomes fala em recrudesimento da doença e receia que as escolas se tornem “o próximo epicentro” de contágio **p2a5**



Área: 992cm² / 35%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6943845



Data: 17.09.2020

Titulo: O que vai acontecer quando a gripe encontrar a covid-19?

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;4;5

COVID-19

O que vai acontecer quando a gripe encontrar a covid?

O Inverno traz a época de gripe e uma série de dúvidas sobre a interacção destes vírus. Mas as medidas de combate à covid podem atenuar o impacto



Com o aproximar do Outono e de temperaturas mais baixas, o risco de gripe aumenta também

Andrea Cunha Freitas

Os cientistas já inventaram uma nova palavra para o novo medo: “*twindemic*”. O momento em que a época da gripe encontra a pandemia da covid-19 tem sido muito discutido entre os especialistas. É preciso prever, na medida do possível, como será a interacção entre estes dois vírus respiratórios para prevenir uma sobrecarga nos hospitais e cuidados de saúde primários. Ainda que se espere que as medidas em vigor por causa da covid-19 – máscaras, higiene e distanciamento – e a vacina disponível para a gripe ajudem a atenuar a época de gripe neste Inverno, há outros possíveis problemas como o “dilema do diagnóstico” que se prevê com doenças que têm muitos sintomas em comum.

Anda a circular uma tabela de sintomas que pretende ajudar o cidadão comum a distinguir os sintomas da covid, da gripe e da constipação. No entanto, a esmagadora maioria dos cientistas não subscreve este autodiagnóstico. Em caso de sintomas – por mais ligeiros que pareçam ser – a melhor opção é mesmo consultar um médico. Será o médico que vai ter de lidar com este “dilema do diagnóstico” e a tarefa adivinha-se muito difícil. Há sintomas comuns entre as várias doenças respiratórias que podem surgir neste Inverno e, por vezes, a mesma doença pode manifestar-se de forma diferente nas pessoas. Então, como facilitar o diagnóstico?

“Muitas manifestações clínicas da covid-19 são comuns a outras infecções respiratórias como a gripe. Os testes moleculares para diagnóstico de SARS-CoV-2 permitem distinguir os casos que são efectivamente covid-19”, esclarece o imunologista Luís Graça, da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Segundo explica, “o diagnóstico molecular de infecção por SARS-CoV-2 (para diagnóstico de covid-19) não tem reactividade cruzada com *influenza* (vírus da gripe)”. O teste, adianta, consiste na detecção de dois segmentos genéticos que são específicos do coronavírus, e o controlo é um segmento genético humano (que deverá ser positivo em todas as pessoas). “O teste é positivo quando se

detecta a presença dos dois segmentos genéticos do vírus. É inconclusivo quando apenas um dos segmentos é amplificado, ou quando o controlo positivo (o segmento humano) não é detectado. Não havendo sobreposição entre as sequências genéticas do SARS-CoV-2 e do vírus da *influenza*, o teste não será positivo em infecções com o vírus da gripe”, acrescenta, sublinhando que “os testes de diagnóstico são fiáveis nestas circunstâncias”.

O exemplo do Sul

Para os que vivem no hemisfério norte a época de gripe está a ficar cada vez mais próxima no calendário e, por isso, põe-se a questão: o que é que isso significa para a covid-19? Há muitas dúvidas. A co-infecção é possível ou provável? A interacção entre estes dois vírus será marcada por uma cooperação ou competição? A gripe aliada à covid-19 pode agravar os sintomas? Muitas das questões ainda não têm resposta, mas há aspectos que são mais ou menos previsíveis.

Uma das perspectivas que parece mais ou menos consensual tem que ver com o efeito que as medidas que estão a ser tomadas para a covid-19 e que afectam o nosso dia-a-dia vão ter na gripe, esperando-se que também diminuam o número de casos nesta frente. “É altamente provável que tenhamos um número de casos de gripe muito inferior ao habitual. Os dados dos países do hemisfério sul, que estão agora a terminar o Inverno, tiveram uma quebra do número de casos de gripe como nunca foi visto”, confirma Luís Graça ao PÚBLICO. Um estudo publicado na *Lancet* em Abril já concluía que as medidas de saúde pública introduzidas em Hong Kong para conter o coronavírus levaram a um declínio na actividade da gripe. “Em Março, no início da época da gripe no hemisfério sul assim que foram implementadas as medidas para prevenir a transmissão de SARS-CoV-2 as infecções com gripe também praticamente desapareceram. Isto mostra que as medidas de higiene, distanciamento social, máscaras têm um impacto também em outras infecções, nomeadamente na gripe”, refere o cientista do Instituto de Medicina Molecular que coordena o laboratório de investigação em

Imunologia Celular.

Outro dos aspectos que são subscritos pela maioria dos especialistas está relacionado com uma diferença crucial no combate a estes dois vírus: é que se ainda não temos vacina para a covid-19, a vacina para a *influenza* existe e, mesmo que não garanta 100% de protecção, isso já fará toda a diferença. Assim, é importante que a população – sobretudo os grupos de risco – esteja vacinada contra a gripe. Não se espera que haja protecção cruzada: os vírus são muito diferentes. Inclusive o vírus da gripe é suficientemente diferente de ano para ano para que a imunidade que adquirimos a um vírus da gripe não seja protectora quando surge um novo vírus no ano seguinte.

Sobre as probabilidades de uma pessoa ser infectada pelos dois vírus há várias ideias diferentes. A interacção entre diferentes vírus é muito complexa de estudar, por vários motivos, mas sobretudo porque depende de muitas variáveis, desde o momento da infecção e da co-infecção (qual é que chega primeiro) até às características da “vítima” que é infectada. Por vezes, os vírus cooperam, outras

“

É altamente provável que tenhamos um número de casos de gripe muito inferior ao habitual

Luís Graça

Imunologista

vezes, os vírus competem entre si. Não se sabe ainda o que vai acontecer no contexto covid-19 e gripe ou de outros vírus respiratórios.

A co-infecção é possível?

Sabe-se que, embora o coronavírus e a *influenza* possam causar alguns dos mesmos sintomas – como febre, tosse e fadiga –, os agentes patogénicos usam diferentes receptores nas células para obter acesso aos nossos corpos, ou seja, os dois





podem entrar no nosso organismo. Um estudo com cerca de 1200 pacientes, feito no Norte da Califórnia e publicado na *JAMA* em Abril, concluiu que uma em cada cinco pessoas com diagnóstico de covid-19 estava co-infectada com outro vírus respiratório. Outro vírus não significa necessariamente a gripe, pois há outros vírus respiratórios (e mesmo outros coronavírus) que circulam nesta altura do ano. Ainda assim, o risco de co-infecção por covid e gripe é considerado muito baixo pela maioria dos especialistas. “Estão descritos casos de co-infecção de covid-19, na sua maioria com outros microrganismos diferentes do vírus da gripe – embora os casos descritos de co-infecção com o vírus da gripe sejam raros. Havendo uma baixa incidência de casos de gripe na comunidade (como tem sido observado no hemisfério sul), torna menos provável essas situações de co-infecção”, explica Luís Graça.

Mas se alguém for infectado com gripe ou covid-19, e uma vez que ambos afectam o sistema respiratório e tecidos comuns, será de esperar algum tipo de protecção cruzada? Não, responde Luís Graça. “Os vírus

são muito diferentes. Inclusivamente o vírus da gripe é suficientemente diferente de ano para ano para que a imunidade que adquirimos a um vírus da gripe não seja protectora quando surge um novo vírus no ano seguinte”, esclarece. Mesmo sobre uma hipótese de o nosso sistema imunitário responder melhor ou pior (com uma manifestação mais severa da doença) a um dos vírus depois de ter sido confrontado com outro, não será de esperar algum tipo de influência. “Devido às diferenças entre os dois vírus, a resposta que nos torna imunes a uma reinfeção pelo vírus da gripe não nos protege do vírus que causa a covid-19, e vice-versa. Deste modo a resposta protectora não será especialmente afectada”, afirma o imunologista.

Evitar a sobrecarga

Os cientistas têm seguido o rasto das epidemias ao longo de décadas e já perceberam que os surtos de vírus respiratórios não atingem o seu pico durante o mesmo período. Por outro lado, a gripe tem um ciclo mais rápido do que a covid-19. A época deverá começar nas últimas semanas de Dezembro e durar cerca de dois meses. A principal preocu-

pação nessa altura – apesar de tudo apontar para números da gripe bastante inferiores aos registados nos anos anteriores, pelos motivos já apontados – é evitar a sobrecarga dos serviços de saúde.

Mas uma vez que há mais população susceptível, o SARS-CoV-2 será mais transmissível do que a gripe? “Mais uma vez, podemos aprender com o que se tem passado no hemisfério sul. Nesses países em que houve SARS-CoV-2 e vírus da gripe em circulação, as medidas de prevenção da transmissão tiveram um impacto comparativamente maior no vírus da gripe. A mortalidade por gripe nesses países foi este ano extremamente baixa”, constata Luís Graça.

acfreitas@publico.pt

Quarentena pode mudar

A directora-geral da Saúde revelou que está a ser estudada a possibilidade de diminuir o período de quarentena de 14 para dez dias. “Parece que começa a haver algum consenso à volta deste décimo dia, sobretudo para os doentes, o que seria uma óptima notícia.”

Situação em Portugal

Em 16 de Setembro às 14h45

Casos confirmados **65.626** Novos casos **605**

1878



Mortes

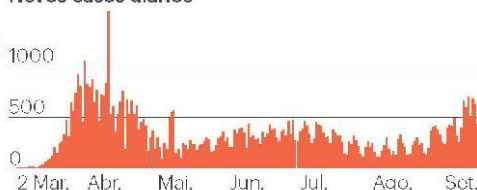
Fonte: DGS



44.528

Recuperados

Novos casos diários



55 mil em Fátima, não

A DGS disse ontem não ter recebido “nenhum pedido de parecer, nenhum plano de contingência, nenhuma planta do santuário”, mas avisou que não lhe parece “expectável que seja possível ter 55 mil pessoas no santuário”.

